



## ENSINO DE HISTÓRIA EM ACESSO REMOTO: REFLEXÕES SOBRE O USO DE FERRAMENTAS

Amanda Thays Cavalcante de Albuquerque<sup>1</sup>

Márcia de Albuquerque Alves<sup>2</sup>

Marinita Moreira Cordeiro<sup>3</sup>

### RESUMO

O mundo no ano de 2020 foi afetado diretamente pela Covid-19 e do dia para a noite assistimos diante dos nossos olhos a vida inteira mudar. A Educação Básica se tornou de acesso remoto e tivemos que nos reinventar. A escola entrou nas casas dos professores e dos alunos. E uma questão surgiu? Como ministrar aula de História por meio de acesso remoto, despertando o interesse e cumprindo com o planejamento do ano letivo? Esta é a inquietação que se colocou para cada docente deste país, e a qual se tornou o fio condutor das nossas inquietações. A fundamentação teórica que embasa esta discussão perpassa o diálogo com autores como Caime (2006; 2015), Bacich e Moran (2018), Cerri (2011), Freire (2020), entre outros. O caminho metodológico adotado é referente a uma pesquisa bibliográfica (exploratória, descritiva e explicativa) e de observação de experiências vivenciadas pelas autoras. Enquanto resultado identificamos que tivemos inúmeras dificuldades, mas aprendizados significativos. A desigualdade não foi inventada, mas foi intensificada na Educação brasileira.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Ensino Remoto; Aprendizagem; Ferramentas digitais; Covid-19.

### ABSTRACT

The world in the year 2020 was directly affected by Covid-19 and overnight we watched our entire lives change before our eyes. Basic education became remotely accessible and we had to reinvent ourselves. School entered the homes of teachers and students. And a question arose? How to teach a history lesson through remote access, arousing interest and complying with the school year plan? This is the concern that has arisen for every teacher in this country, and which has become the guiding thread of our inquiries. The theoretical foundation that underlies this discussion goes through the dialogue with authors such as Caime (2006; 2015), Bacich and Moran (2018), Cerri (2011), Freire (2020), among others. The methodological path adopted refers to a bibliographic research (exploratory, descriptive and explanatory) and observation of experiences lived by the authors. As a result we identified that we had numerous difficulties, but significant learnings. Inequality was not invented, but it was intensified in Brazilian Education.

**Keywords:** History Teaching; Remote Learning; Learning; Digital Tools; Covid-19.

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: amandthay1@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em História pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora Substituta da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: marciaalbuq2@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: marinitacordeiro@gmail.com



## 1 INTRODUÇÃO

O mundo no ano de 2020 foi afetado diretamente pela Covid-19, a pandemia que se espalhou por todo o planeta. Sendo um vírus de contágio muito rápido, do dia para a noite, assistimos diante dos nossos olhos a vida inteira mudar. Tudo o que conhecíamos se modificou de alguma forma, passamos a viver e entender o mundo de outra maneira. Nossas relações e nossos espaços foram diretamente afetados. O perto só poderia ser possível por meio do longe. Trabalho, relacionamentos e estudos foram totalmente modificados para que pudéssemos continuar vivendo e sobrevivendo.

O Ensino formal, da Educação Básica à Superior, público ou privado, nas mais variadas modalidades no Brasil e no mundo passou por mudanças inteiramente impactantes. O vírus, até então ainda estudado e um tanto desconhecido, possuía uma característica determinante: a contaminação rápida e o desconhecimento da sua ação em cada corpo. Algumas pessoas assintomáticas, outras sintomáticas, umas de sintomas leves e outras de sintomas graves. Inicialmente, por volta de abril de 2020 tudo era muito tenebroso e novo. No entanto, víamos amigos, parentes, colegas, conhecidos, conseguindo vencer o vírus.

O ano de 2020 foi marcado por um “reinventar” completo. Reinventamo-nos como pessoas, como pais, filhos(as), amigos(as), conhecidos(as) e profissionais. Nos reinventamos a cada papel desempenhado na vida. Nos dividimos entre aqueles que queriam se manter informados, e entre os que queriam negar toda existência de fatos que não poderiam ser negados.

Diante do contexto brasileiro, de um governo federal que se negava a compreender a gravidade do problema que se instalava no Brasil, retardando o incentivo à ciência e divulgando medicamentos que não eram comprovados, a solução mais plausível diante de uma crise sanitária, advinda da Organização Mundial da Saúde (OMS), foi o Isolamento social, o uso de máscaras e álcool, a higienização, e a não aglomeração como medida emergencial para evitar o contágio.

O ano de 2020 foi marcado por notícias diárias do aumento das curvas de contaminação, colapso nos sistemas de saúde, desemprego, fome e negacionismo. Segundo Napolitano (2021, p.91), o negacionismo é a “negação (ou atenuação em alguns casos) de crimes coletivos cometidos por Estados e acobertados por uma parte de suas elites civis e militares”. Os discursos negacionistas querem se passar por científicos, no entanto são falseadores da crítica e da reflexão. Ou seja, a negação de um processo, a rejeição do conhecimento histórico de base científica. Vivemos a época de negacionistas que se alimentam de “teorias da conspiração”. E mesmo diante de quadros alarmantes de mortes - discursos que associavam a doença da Covid-19 com uma simples gripe, associada à vulnerabilidade de grupos que fazem parte dos trabalhos essenciais, que viam sua vida ameaçada pela fome ou pela doença - a pandemia se proliferou.

Diante deste contexto, sem tratamento adequado, com divulgação de um tratamento preventivo ineficaz<sup>4</sup>, sem vacina ou investimento para compra de vacinas<sup>5</sup>, o único meio de prevenção seria o isolamento social. Diante da orientação da OMS, os sistemas de Educação

<sup>4</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/04/08/em-pronunciamento-bolsonaro-defende-uso-da-cloroquina-para-tratamento-do-coronavirus.ghtml> Acesso em: 09 Jun. 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2021/03/04/bolsonaro-diz-que-tem-idiota-que-pede-compra-de-vacina-so-se-for-na-casa-da-tua-mae.ghtml> Acesso em: 09 Jun. 2021.



no Brasil pararam suas atividades presenciais em 18 de março de 2020. No início ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo e o medo e a insegurança se misturava em cada docente deste país. A previsão inicial do isolamento social no Estado da Paraíba foi de quinze dias. Professores e professoras voltaram para casa sem saber como seriam esses quinze dias. A única certeza que existia naquele momento era que precisávamos pensar possibilidades de ensinar à distância, sem ter a mínima noção do que efetivamente estava acontecendo.

A desigualdade social tão presente no nosso país se intensificou ao tratar-se de Educação. O celular, inimigo por excelência dos docentes na sala de aula, se tornou o acesso, e em muitos casos, a única possibilidade de efetivar alguma forma de ensino. Somos inúmeros e diversos. Somos professores jovens que nasceram na era digital. Somos professores maduros que vivenciamos inúmeras transformações educacionais no país ao longo das décadas. Somos professores de quadro e giz. Somos professores de *wifi* e tecnologias digitais. Somos tantos e tão diversos. Somos universos completamente diferentes.

Nossos alunos, não diferente de cada um de nós, vivenciam e enfrentam a pandemia conforme seu contexto. Uns com toda tecnologia possível, outros sem acesso a um celular para manter suas aulas em dia. Alunos que conhecem, ensinam, auxiliam e se divertem com as tecnologias. Alunos que nem sequer sabem o que significa uma ferramenta digital. Professores que perderam sua casa e sua vida pessoal. Famílias inteiras expostas para turmas e para professores. A escola e a Universidade adentraram nas casas dos professores e dos alunos. Não existe mais divisão, existe uma presença ausente de um estado de aprendizado.

Cursos, *Webinar*, dicas do *Youtube*, oficinas ofertadas pelas instituições, entre outros, foram alguns dos caminhos para se pensar a educação neste contexto. Os professores se voltaram para casa e precisaram se reinventar. Estudar sobre a sala de aula, estudar sobre metodologias, estudar sobre o ensino. Caime (2006) ressalta que o saber docente é plural. Ela enfatiza que perpassa por saberes pessoais dos professores; saberes da formação escolar anterior; saberes da formação profissional; saberes dos programas desenvolvidos e dos livros didáticos utilizados em sala de aula; saberes da sua própria experiência na profissão. Em outro texto, Caime (2015), destaca que os saberes são a ensinar (conhecimento específico), saberes para ensinar (pedagógicos e didáticos) e saberes do aprender (o processo de aprendizagem do discente). No contexto da pandemia, todos os saberes adquiridos ao longo do tempo, precisaram ser revistos, revisitados. Os saberes plurais precisaram ser usados. Os saberes para ensinar precisaram passar por uma dinâmica de aprendizado referente a novas metodologias, ferramentas, aplicativos, ou seja, precisávamos pensar os saberes a ensinar no contexto da pandemia. E principalmente, os saberes do aprender se tornaram um guia para esse caminho que estávamos construindo.

Apesar de todas as inúmeras dificuldades apresentadas ao longo do ano, uma rede de solidariedade foi criada em cada espaço educacional. Cada docente compartilhava suas descobertas. Foram criados textos, tutoriais, vídeos e diversas outras formas de dizer como determinada função auxiliava e poderia dar certo. O uso da tecnologia se tornou a única realidade possível, mas boa parte dos docentes não dominava este universo, o que exigiu mudanças, aprendizado, estudo, equipamentos, entre outros que nos faziam perceber que “a vida é uma aprendizagem ativa, de enfrentamento de desafios cada vez mais complexos”, tal como afirma Bacich e Moran (2018, p. 02).

A questão que se colocava era: Como ministrar aula de História por meio de acesso remoto, despertando o interesse e cumprindo com o planejamento do ano letivo? Esta é a inquietação que se colocou para cada docente deste país, e a qual se tornou o fio condutor das



nossas inquietações. A fundamentação teórica que embasa esta discussão perpassa o diálogo com autores como Caime (2006; 2015), Bacich e Moran (2018), Cerri (2011), Freire (2020), entre outros. O caminho metodológico adotado é referente a uma pesquisa bibliográfica (exploratória, descritiva e explicativa) e de observação de experiências vivenciadas pelas autoras.

A motivação e justificativa de escrever este artigo a três mãos abordando o Ensino de História na pandemia da Covid-19 se fundamenta em encontrar caminhos de reflexão que possibilitem pensar alternativas de debater história em sala de aula no acesso remoto. Para além desta função, este intenciona contribuir com a construção de conhecimento referente à educação e ensino mediante o contexto histórico no qual estamos inseridos.

## **2 O ENSINO DE HISTÓRIA PARA QUÊ E PARA QUEM NO CONTEXTO DE PANDEMIA DA COVID-19?**

Estamos vivendo, experimentando, sofrendo e aprendendo com a pandemia. Somos protagonistas deste momento histórico. Escrever e pensar a história neste contexto nos remete a uma reflexão de que não temos o distanciamento necessário do objeto, por sermos parte dele. O Ensino de História na pandemia chega para quem? Chega para quê? São questões que nos permeiam diante do nosso contexto. O século XXI, nos anos de 2020 e 2021, no Brasil, está marcado por um tempo ainda indefinido para o observador e o observado. Estamos vivendo e construindo a história ao mesmo tempo. Segundo Hobsbawm (2013, p. 317) “Todo historiador tem em seu próprio tempo de vida, um poleiro particular a partir do qual sondar o mundo”, e as autoras que neste momento escrevem, vivem, enfrentam, observam e interferem diretamente no tempo referente ao qual registra. Nos inquietamos como fazer a leitura dos nossos alunos para entender que tipo de História é possível ser ensinada neste contexto.

Barros (2013) afirma que o tempo é visceral para os historiadores e vivemos um tempo indefinido de marcação cronológica. Todos os dias se passam dentro da nossa casa: trabalho, compromissos, reuniões, festas, relacionamentos, términos e inícios de ciclos. Não conseguimos mais definir dias úteis, sábado, domingos e feriados. O mundo virtual não mais separa nossa vida privada e a pública. Nalini (2015) ressaltava que o futuro seria esboçado pela tecnologia. Falávamos e discutíamos a tecnologia como uma ferramenta para sala de aula, mas nunca pensamos viver e trabalhar por meio integral da tecnologia. A *internet* nos afastava e nos aproximava. Agora ela é a forma de estar perto, de conversar, se sentir, de ver, de sorrir, de chorar.

No entanto, para Bacich e Moran (2018), cada um aprende o que é mais importante e relevante. Isso conduziu inúmeros professores a reflexões, a aprendizagem e a ouvir os seus alunos. Para Freire (2020, p.111, *grifo do autor*)

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, *fala com ele*, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder *falar com* é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, *fala com ele* como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto do seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma *fala com ele*.



Escutar se tornou um exercício constante. Aplicar novas metodologias e usar ferramentas digitais exigiu do docente a escuta dedicada na tentativa de conduzir os seus alunos além do que conseguiram chegar sozinhos (BACICH e MORAN, 2018). Era preciso entender quem é esse aluno e para que este Ensino de História vai ser construído. Para tanto, os docentes precisaram adentrar em uma busca incessante sobre plataformas e ferramentas digitais. Foi preciso compreender e ressignificar a sala de aula, agora virtual. Se dedicar ao saber para ensinar de forma mais intensa, foi quando as discussões mediante a metodologia ativa se tornou mais significativa. Valente (2018, p. 27) define que “As metodologias ativas constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e aprendizagem no aprendiz, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, investigação e solução de problemas”. A metodologia ativa nos permite refletir sobre metodologias e ferramentas voltadas para a aprendizagem de cada discente.

Neste contexto, o uso das metodologias ativas se tornou uma constante. O foco passou a ser o aprendiz, a forma como ele aprende, as necessidades de aprendizado que o mesmo apresenta e o que seria possível fazer. O Ensino de História para a construção de conhecimento e consciência histórica passou a ser uma necessidade. Para Cerri (2011, p.59),

[...] pensar historicamente é nunca aceitar as informações, ideias, dados, etc., sem levar em consideração o contexto em que foram produzidos: o seu tempo, suas peculiaridades culturais, suas vinculações com posicionamentos políticos e classes sociais, as possibilidades e limitações do conhecimento se tinha quando se produziu o que é posto para análise.

Ou seja, o momento no qual o Brasil se encontra exige a construção de conhecimento na sala de aula que possibilite a reflexão, o questionamento e a inquietação. Pensar historicamente se tornou um ato de resistência no século XXI, anos de 2020 e 2021.

### **3 A RESSIGNIFICAÇÃO NO USO DE FERRAMENTAS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO À DISTÂNCIA**

Em decorrência da crise sanitária ocasionada pela SARS-CoV2 (covid-19) que se alastrou pelo mundo desde o final do ano de 2019, causando um impacto maior durante o ano de 2020 e gerando um colapso em 2021 houve uma reorganização nas estruturas das sociedades de todo o mundo, o uso de máscaras e álcool em gel se tornaram prioridades para o cotidiano, como uma forma de proteção contra o vírus. Desse modo, o cenário mudou e por sua vez, a Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC) se efetivou como protagonista do meio pandêmico; as relações presenciais deram espaço para o mundo cibernético, através das redes sociais e principalmente das plataformas digitais, estas se tornaram eficazes para dar prosseguimento a vida profissional e pessoal.

O novo ritmo o qual a humanidade não estava habituada gerou diversas mudanças positivas e negativas, e a educação foi um dos âmbitos que sofreu os maiores impactos; e deu-se início ao processo de adaptação, por exemplo, a sala de aula física foi substituída pela sala virtual, as lousas escolares por lousas digitais, e nesse contexto os docentes tiveram que moldar o seu ensino para que o seu alunado se incluíssem no processo de aprendizagem de forma significativa.



A utilização de recursos didáticos na relação entre ensino e aprendizagem é fundamental para compor o conhecimento do alunado; anteriormente ao cenário pandêmico os docentes usavam o computador, e o *Datashow* como alternativas de diversificar as suas aulas, seja para apresentação de seminários ou jogos interativos. No entanto, devido ao novo espaço de aprendizagem, a diversificação se tornou recorrente, isto é, o uso do computador e do celular agora fazem parte da sala de aula.

As tecnologias não foram criadas com intuítos pedagógicos, mas ao longo dos anos plataformas digitais foram sendo criadas para o âmbito educacional, precisamente pela influência da TDIC em sala de aula, como também pela educação à distância utilizados por faculdades.

A educação contemporânea, não se limita mais ao básico e monótono de sala de aula como acontecia no passado, hoje, a educação pressupõe que o aluno seja o detentor da habilidade de construção do seu próprio conhecimento, através de diversas maneiras que surgem, tanto intelectual como tecnológica. (SILVA, 2016, p.3).

No ano de 2020 houve a necessidade de buscar ferramentas virtuais que possibilitassem o compartilhamento de materiais didáticos, como também videoconferências para assim prosseguir com o ensino, caracterizado como ensino remoto ou educação a distância (EAD). De início, as redes sociais como *WhatsApp* e o *Facebook* se tornaram as principais ferramentas para manter a comunicação entre os docentes e discentes, isto porque possibilitam o contato por chamadas de voz, de vídeo e mensagens instantâneas, e no processo de adaptação se tornaram fundamentais.

Nesse contexto, outras plataformas foram sendo exploradas para continuidade do ensino, o *Zoom*, por exemplo, é um *software* que permite fazer videoconferências de apenas 40 minutos, se ascendeu como algo inédito, haja vista que a tecnologia era usada em sala para complementar uma aula, e não para subsidiá-la o que gerou dificuldades para docentes e discentes distanciados do meio tecnológico. A plataforma, no entanto, foi insuficiente por não oferecer outras configurações que possibilitassem o acesso de materiais didáticos, no entanto continuou sendo é bastante utilizada para trabalhos em *Home Office*.

Desse modo, outra plataforma importante no processo de adaptação ao ensino remoto é o *Moodle (Object-Oriented Dynamics Learning Environment)* criado em 1999 pelo Australiano Martin Dougiamas. O nome da plataforma conduz os objetivos que ela pretende alcançar, significa ambiente modular de aprendizagem dinâmica orientada a objetos. Nesse espaço virtual, os docentes e discentes tem a possibilidade de compartilhar os materiais didáticos como conteúdos, áudios, videoaulas, quis, entre outros, podendo ser acessada pelo computador e pelo celular.

O *google classroom* também se tornou uma ferramenta importante nesse processo, foi lançado em 2014 para a área educacional e, é um sistema que gerencia conteúdo para escolas que tem o objetivo de simplificar e distribuir os seus trabalhos. Neste contexto se configurou como, um dos inúmeros recursos que o *Google Apps* disponibiliza. Esta ferramenta se tornou como uma das mais precisas para o ensino remoto, haja vista que também pode ser acessada pelo celular como pelo computador, facilitando a introdução dos alunos nesse novo ambiente virtual.

As ferramentas supramencionadas se tornaram prioridades para a educação global, assim como a intensificação do uso das redes sociais nesse processo complexo de adaptação.



Para Rubem Alves (2018, p.69) “todo conhecimento científico começa com um desafio: um enigma a ser decifrado.” E nesse contexto, a utilização das ferramentas digitais foi um desafio, tendo em vista, que para usar essas ferramentas o professor precisa saber manuseá-las, assim como acontece com o conhecimento; o docente precisa dominar a sua disciplina para que haja o vínculo entre o ensino e a aprendizagem.

A busca por um ensino que desperte reflexões por parte do aluno, é presente nas discussões de formação dos professores, tendo em vista que a geração na qual os alunos estão inseridos atualmente é a *alpha*, ou seja, possuem mais facilidades na comunicação por meio das tecnologias. Diante da pandemia, os alunos e professores possuem o contato direto com as plataformas digitais, e para não tornar o ensino monótono o docente vem buscando estratégias que contribuam para instigar o interesse do seu aluno na disciplina, como por exemplo, a utilização de plataformas inovadoras que se interligam com as metodologias ativas, cooperando de forma significativa para que o aluno se torne protagonista do saber.

Diversas ferramentas digitais foram descobertas no período de adaptação do ensino, de videoconferências até as mais dinâmicas como o *Padlet*, o *ClassDojo*, e o *Kahoot* por exemplo, se tornaram uma tendência educacional que permite a gamificação durante as aulas fazendo dela um ambiente prazeroso e consequente, isto é, na medida que o aluno se sente atraído pela aula, ele aprende de forma dinamizada e reflexiva. Além do mais, essas plataformas podem ser compartilhadas através do *google meet*, o que permite a interação ao vivo entre os discentes e o docente. Contudo, o professor precisa estabelecer as estratégias de ensino de acordo com o nível e segmento de sua turma, para que possam aproveitar as ferramentas de forma positiva, e assim fazer da aula virtual, um ambiente de ação e reflexão.

#### **4 FERRAMENTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

A tecnologia é uma facilitadora nos tempos atuais para o trabalho do professor. No caso do ensino de História, ela facilita o trabalho da interpretação de fontes, quando é interessante fazer um trabalho coletivo. Essas ferramentas são necessárias para o ensino da história, pois influenciam na aprendizagem que tornam o ensino inovador, levando os alunos a saírem de um ensino tradicional para um caminho que eles possam integrar-se nos novos conhecimentos exigidos pela atualidade.

Os antigos procedimentos didáticos constituíam-se em formar apenas a base de memorização e descrição de elementos, muitas vezes, sem importar se o aluno estabelecia relações críticas, criativas ou reflexivas. Um grande exemplo dessas novas ferramentas de ensino é o *kahoot*, que é baseada em jogos fazendo com que o ensino seja interativo, para chamar atenção dos alunos no geral, um verdadeiro teste de aprendizagem.

No momento atual em que a educação vem se transformando, essas ferramentas são um grande suporte para os docentes e uma vantagem para os alunos que são mais adaptados as tecnologias, como também começam a ter um interesse maior sobre o assunto, e facilidade no aprendizado. Outra ferramenta que gera o exercício do olhar crítico e criativo dos alunos é o *Pixton*, um aplicativo que leva o aluno a criar quadrinhos de forma fácil e rápida, e se encaixa em diversificados assuntos de história, levando assim um aprendizado mais prático e divertido.

Apesar de todas as mudanças que o ensino no geral vem passando, essas ferramentas surgem para realçar um novo modo de ensino para os alunos, principalmente os que afirmam



que a disciplina de história é cansativa. Outra ferramenta criada para o ensino e que se encaixa muito bem no ensino de história é o *UtellStory*, uma plataforma *online* em que os alunos podem contar e compartilhar histórias, ou assuntos do bimestre. Se encaixa principalmente na educação básica, em que proporciona o lado da criatividade para que assim possam entender com mais facilidade o assunto proposto.

O professor de História precisa ter o domínio do conhecimento específico da disciplina, um bom conhecimento pedagógico e didático, além da ciência que o processo de aprendizagem acontece de maneira diversa. Sendo assim, enquanto pesquisador da sua prática com uma boa formação inicial e uma formação continuada constante, principalmente no uso das ferramentas digitais, este professor pode se reinventar digitais, inovando seus métodos de ensino voltados a gerir uma classe virtual de alunos.

Outro meio tecnológico que se encaixa nas aulas virtuais é o *Poll Everywhere* que serve para realizar anotações no corpo do texto durante a leitura, e o professor, ao iniciar a explicação, parte das anotações dos alunos. As anotações ficam expostas nas redes sociais ou na própria plataforma da aula. A ideia é que o *slide* seja construído com os alunos em grupos. Nesse sentido, Costa (2007, p.99) destaca que: “O educador deve aproveitar as potencialidades do celular, como recurso pedagógico, tendo em vista que é uma realidade presente na vida de todos os educandos”.

A principal ferramenta que permite que os professores possam incluir materiais para os alunos é o *Google Classroom*, mais conhecido como *Google sala de aula*, ferramenta pedagógica que integra e aperfeiçoa de maneira simbiótica o processo colaborativo de ensino-aprendizagem entre professores e alunos, estreitando laços entre a comunidade e o ambiente escolar.

A capacidade dessas novas ferramentas é levantar problemas e a reintegrá-los em um conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemas. “[...] dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História” (BITTENCOURT, 2010, p.57).

Por outro lado, é muito importante tentar incluir o aluno nas aulas, para que ele não se distraia, pois sabemos que as tecnologias tanto auxiliam como distrai, ou seja, tanto a tecnologia é um dos grandes fatores que gera o desinteresse, principalmente, na disciplina de história, que para muitos alunos é algo repetitivo e que precisa apenas ser decorado. Sendo assim, outra importante ferramenta que causa essa característica de interação, de entender a visão do aluno sobre o conteúdo ministrado, é a plataforma do *Mentimeter* que é uma criação de compartilhamento de apresentações por meio de *slides* criativos, entre elas a nuvem de palavras que gera uma reflexão colaborativa, ou seja, os alunos colocam suas palavras e em tempo real a nuvem vai se formando e abrindo possibilidades para novos debates.

Além de ser grande facilitadora na inovação do ensino, as ferramentas proporcionam métodos mais criativos para os alunos, além da adaptação que os professores têm que enfrentar. Entre essas ferramentas, temos o *Geniol* que estimula a criatividade e o senso crítico dos alunos perante o assunto exposto virtualmente, é uma plataforma de fácil acesso. Vão desde as palavras-cruzadas como quadrinhos para serem criados, podendo auxiliar no ensino de história, principalmente nos momentos de compreensão referente a assuntos mais complexos, sendo assim o professor pode analisar quais os temas nos quais a turma sente mais dificuldade e mudar suas estratégias na aplicação destas ferramentas inovadoras.



Outro fator existente é que as ferramentas acabam auxiliando o trabalho com os livros didáticos, por esse motivo que elas são peças fundamentais para o ensino. Outro grande exemplo de ferramenta é o *brainwriting* que, pode ser incluído no ensino- aprendizagem de história, principalmente, por ser uma plataforma que gera o debate e discussão de ideias sobre o tema. Sabemos que com esses meios tecnológicos como base para as aulas, os alunos tendem a perder o interesse nos conteúdos em si, mas essa ferramenta em especial chama a atenção envolvendo o aluno, uma vez que este precisa opinar, trazer um posicionamento entre os colegas.

Outra ferramenta fundamental para o ensino de história é o *Padlet*, por se tratar de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para compartilhar conteúdos e multimídias. Pode ser usado de forma colaborativa, na qual o professor solicita a participação dos alunos com relatos, como por exemplo, pedir para que eles descrevam com poderiam ser heróis no período em que estamos vivendo. Alternativas assim, fazem com que o aluno possa refletir sobre os grandes heróis que fizeram parte da história em determinados períodos, mas principalmente conscientizá-los que ser herói na história não precisa de nenhum estereótipo específico.

Tendo em vista, todos os aspectos mencionados, os professores devem superar o medo em relação ao uso dos meios tecnológicos, principalmente na disciplina de história, que para muitos alunos é considerada ainda cansativa, ou algo apenas para decorar. Esse “novo normal” que se apresenta na sociedade, exige uma mudança na forma que se educa e para que se educar é preciso, trabalhar com as novas tecnologias de forma interativa nas salas de aula, requer uma responsabilidade para o aperfeiçoamento do ensino.

Por fim, vale ressaltar que os professores estão buscando diversas adaptações para "reinventar" o processo de ensino, e que estes adaptaram o ambiente doméstico para continuar em ambiente de trabalho, assim, além de toda uma estrutura física, a estrutura emocional também precisou se reorganizar. A educação mais uma vez foi uma das mais afetadas, mas graças a todas essas tecnologias e ferramentas metodológicas, os professores seguem se reinventando para que os alunos se interessem pelo estudo, mesmo que em uma dinâmica muito diferente da sua realidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ministrar aula de História por meio de acesso remoto, despertando o interesse e cumprindo com o planejamento do ano letivo? Este foi nosso questionamento inicial, o qual nos propomos a responder e alcançamos o objetivo ao tentar apresentar alternativas. Uma coisa é fato, não se trata de algo simples. Trata-se de um reinventar constante.

Existir ferramentas é uma coisa, saber usá-las é outra. Muitas ferramentas foram apresentadas ao longo da nossa discussão, mas existe além delas toda uma estrutura necessária em termos de aprendizagem por parte do professor. Não podemos negar a existência de inúmeras situações. Professores que estão na sala de aula há 20 ou 30 anos, que tiveram suas aulas por meio de transparências ou do velho e bom quadro e giz, tendo que se deparar com um universo completamente novo que não há como fugir, é preciso enfrentar.

Temos outros professores que são nativos digitais, nasceram com a tecnologia, são alfabetizados nestes meios. No entanto, independente da situação, atualmente, todos os dias, os professores enfrentam uma sala de aula remota no desejo de aprender e de ensinar.



A aula de História tem uma função específica, conduzir este sujeito a pensar historicamente, a se entender como sujeito histórico, a fazer a leitura do tempo, do contexto e do meio no qual está inserido. Atualmente, diante da pandemia da Covid-19 e do negacionismo persistente em nosso país, se tornou emergente aprender novas metodologias e se reinventar. Nossa intenção foi demonstrar possibilidades por meio do uso de ferramentas digitais para a aula de história, mantendo a qualidade do conteúdo e o objetivo em construir conhecimento histórico, crítico e reflexivo. Este assunto não se esgota com nosso texto, na realidade, esta discussão está só começando.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A Educação dos Sentidos**. São Paulo: Editora: planeta, 2018.
- BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). *Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BARROS, José D' Assunção. **O tempo dos historiadores**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *O saber histórico na sala de aula*. 11.ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História?** Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História? [2006] Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tem/v11n21/v11n21a03> Acesso em: 22 ago. 2020.
- CAIMI, Flávia Eloisa. **O que precisa saber um professor de história?** [2015] Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/23853> Acesso em: 23 ago. 2020.
- CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- COSTA, Ivanilson. **Novas Tecnologias. Desafios e Perspectivas na Educação**. 1º Ed. Clube dos Autores, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 65ª edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: 9ª ed. Editora Paz e Terra, 1981.
- HOBSBAWN, Eric J. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MORAN, José (Orgs.). **Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- NALINI, José Renato. **Ética Geral e Profissional**. 12 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2015.
- SILVA, Spartacus Sousa da. **Aplicação da ferramenta Google Classroom para melhoria de desempenho pedagógico na disciplina de informática aplicada à contabilidade**. Rio Tinto: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Aplicadas e Educação, 2016.



Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/2844> Acesso em: 15 mai.2021.

VALENTE, José Armando. **A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado**: uma experiência com a graduação em midialogia. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). *Metodologias Ativas para uma educação inovadora*: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.